HOMILIA NA SOLENIDADE DE TODOS OS SANTOS 2008 (Ano Paulino)

"Sede meus imitadores, como eu o sou de Cristo!" (I Cor.11,1)

Só um santo, podia falar-nos assim! Com este desafio da santidade, proposto, a todos e a cada um, como "medida alta de uma vida cristã comum" (N.M.I. 31), o Apóstolo Paulo abre-nos também uma via de sentido, para a celebração desta grande solenidade: dia em que celebrarmos, o dom de tantos "*filhos ilustres da Igreja*". São todos eles obra da graça de Deus! E, nessa medida, os santos são-nos dados, não apenas como "*auxílio para a nossa fragilidade*", mas também apresentados, como "*exemplo*", para a nossa vida cristã! Neste ano Paulino, é hoje oportuno e legítimo destacar, entre os santos, essa figura genial de São Paulo. Conquistado por Cristo, tomou-O por modelo, e tornou-se, para todos nós, um exemplo a imitar!

1. Sim. ***Paulo tomou Cristo por modelo***. E era isso mesmo que Cristo esperava, ao propor-Se nas bem-aventuranças! De facto, quem escuta, atentamente, cada uma das bem-aventuranças, atira de imediato o seu olhar, para o rosto de Jesus; apercebe-se logo de que, no seu mais íntimo, ao proclamá-las, Jesus está a falar de si! As bem-aventuranças são uma espécie de "*biografia interior oculta de Jesus*" (J. Ratzinger - Bento XVI, Jesus de Nazaré, 111), um retrato da sua figura, diríamos mesmo, o seu auto-retrato! Jesus, que não tem onde reclinar a cabeça, é o verdadeiro pobre! Jesus, que pôde dizer de si mesmo: "*Vinde a mim, porque sou manso e humilde de coração*" é o verdadeiro manso. Jesus, que contempla a Deus sem cessar, é o verdadeiro puro de coração. Jesus é o obreiro da Paz, é Aquele que sofre por amor de Deus. Por detrás de cada bem-aventurança, está desenhado um traço espiritual da figura daquele homem que é Deus, mas que desce, despoja-se, até à morte de Cruz. Numa palavra, nas bem-aventuranças aparece o mistério de Cristo, na sua encarnação, na sua cruz, na sua morte e ressurreição! Assim, ao propor-nos as bem-aventuranças, Jesus propõe-se, como pessoa a seguir, modelo a imitar! Jesus chama-nos a segui-lO, chama-nos a partir de uma íntima, real e total comunhão de vida e de amizade com Ele, na dor e no amor, e até ao fim! Ele é o modelo a seguir!

2. Os santos, desde Paulo, passando por Francisco de Assis, até Madre Teresa, tornaram-se para nós ***exemplo a imitar***, porque viveram esta opção, mostrando-nos, assim, a imagem verdadeira do homem e da sua felicidade. Por isso, quem escuta as bem-aventuranças, não vê apenas delineada a figura de Jesus. Vê que ali está descrita também a verdadeira situação do cristão, no mundo, tal como várias vezes a descreveu Paulo, à luz da sua experiência de vida e de sofrimento, enquanto apóstolo.

3. Paulo é para nós um "**exemplo**" vivo, deste seguimento de Jesus, desta participação real e vital nos seus sofrimentos e nas suas alegrias. Os oito paradoxos, apresentados nas bem-aventuranças, aparecem-nos descritos Por São Paulo, na sua defesa e nas suas confissões. Escreve ele: *"Somos considerados impostores, ainda que sinceros; tidos como desconhecidos, ainda que bem conhecidos; como agonizantes, e, no entanto, eis-nos com vida; como condenados, ainda que livres da morte; somos considerados tristes, nós que estamos sempre alegres; pobres, ainda que tenhamos enriquecido a muitos; como nada tendo e, no entanto, tudo possuindo*" (II Cor.6,8-10). Tinha dito São Paulo, noutro passo: "*em tudo somos atribulados, mas não esmagados; perplexos, mas não desesperados; perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não aniquilados*" (II Cor.4,8-9). O Apóstolo sente-se, como Jesus, colocado em último lugar, como um condenado à morte, que se tornou espectáculo para o mundo, sem pátria, insultado, caluniado (cf. II Cor.4,9-13). No entanto, São Paulo experimenta, com Jesus e como Jesus, uma alegria infinita, a alegria do Reino, a alegria prometida, a alegria da fidelidade, na medida em que Ele próprio se entrega, deixando-se perder a si mesmo, para levar Cristo aos Homens! O Apóstolo, no exercício doloroso e glorioso do seu ministério, participa do mistério da Cruz e da Ressurreição do Senhor. Assim, diz ele: "*somos entregues à morte para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal*" (II Cor.4,11).

4. Em São Paulo, vê-se de modo exemplar, o que significa ser discípulo, o que é ser santo. Mas tal significado é proclamado, não de maneira teórica, mas na sua vida, no sofrimento e na alegria misteriosa por ele experimentados. Assim, vê-se em Paulo que *ser santo* não equivale apenas a ser "um bom homem" ou um "Homem bom", mas a viver unido ao Senhor e a deixar que a nossa vida esteja imersa na comunhão com Ele. São Paulo resumiu bem o ideal encarnado da santidade, como seguimento e participação na vida de Jesus, numa frase lapidar: "*Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim*" (Gal.2,20).

5. Meus caros irmãos: Não penseis que Paulo é tão grande, que não possa ser imitado. Pode e deve sê-lo por todos nós, a começar pela maioria de vós, que vive o caminho da santidade, no esforço do seu trabalho, entre fadigas noite e dia. Paulo, tecedor de tendas, trabalhou com as próprias mãos, pelo seu sustento. É um trabalhador que anuncia o Evangelho! E, nessa medida, se propõe como um exemplo a imitardes (cf. II Tes.2,9):

"*Sede meus imitadores, como eu o sou de Cristo!*" (I Cor.11,1)

HOMILIA NA SOLENIDADE DE TODOS OS SANTOS 2007

1. Uma noite de bruxas, a assombrar o dia de todos-os-santos! Era só o que mais faltava, para dar cabo do pouco que nos sobra da beleza cristã deste dia. Tanto quanto sei, a festa do «halloween» recupera uma tradição pagã milenar dos celtas e druidas, povos que habitavam a Irlanda e a Grã-Bretanha. Esta é mais uma importação de uma festa pagã divertida, que tende a riscar do mapa interior da nossa vida, a seriedade da morte e a medida alta da santidade. O barulho da noite, - ao que me parece - não se destina tanto a "*espantar os espíritos*", mas a abafar as nossas insatisfações e a calar muitas das nossas interrogações, sobre o valor da vida e o sentido da morte. Além do mais, a reanimação desta festa é determinada, em boa parte, pela necessidade de animar o comércio, em época "morta", no mês dos defuntos. Em conclusão, esta festa é só mais um sinal do novo paganismo, que avança pela Europa dentro e chega também aqui. Um paganismo, que se caracteriza por uma vida divertida, avessa a qualquer esforço moral de perfeição; uma vida disfarçada, onde manda a aparência e comanda o prazer.

2. Do paganismo, temos outros sinais evidentes na nossa cultura: a violência e a sexualidade, assumidos, como divertimento irresponsável; a idolatria dos animais, com nomes iguais aos das pessoas e a merecer mais atenção, que a solidão dos vizinhos; a facilidade com que se pratica e fala do aborto e da eutanásia; o orgulho, "exibido" em praça pública, daquilo que antes era vício e miséria escondida; a obsessão pelo corpo, os excessos do consumo, da comida e da bebida. Mas há mais: as nossas festas populares, antes dedicadas aos santos, foram em boa parte substituídas ou transformadas em festas da espuma, da t-shirt molhada, da espiga, do vinho… Dão-se às crianças nomes de futebolistas, actores e personagens de ficção, e rejeitam-se liminarmente os nomes de família, tirados da Bíblia ou a partir do santo do dia. Os meios de comunicação formatam a nossa maneira "prática" e artificial de pensar igual. Trata-se de um «ambiente pagão» que, ao fim e ao cabo, nos mina e nos contamina a todos, como o ar poluído que respiramos.

3. Esta é, pois, «a grande tribulação», para nós, cristãos do século XXI: estar no mundo, sem ser do mundo; servir com amor, os homens deste tempo, mesmo tendo como resposta o ódio do mundo! Nós, os cristãos, a quem o Novo Testamento, chamava simplesmente «*santos*», já não somos perseguidos à «catanada» ou entregues às feras, como os primeiros cristãos; o nosso martírio é outro e não é menos significativo: é o do testemunho silencioso e heróico, de viver o Evangelho, de forma incondicional, cumprindo o nosso dever até ao fim. Trata-se hoje, sobretudo, de testemunhar a nossa fé, com a alegria de viver; dar razões da nossa esperança, com a confiança posta na mão de Deus; e viver o amor cristão, em resposta ao amor com que Deus nos amou primeiro. E havemos de ser cristãos ou de ser santos, hoje, sem contar minimamente com estímulo ou o aplauso dos outros, da sociedade e da cultura envolventes. O martírio da vida quotidiana, vivida na santidade, sem ânsia nem ganância, sem pressa e sem desespero, sem interesse e sem engano, é um testemunho fundamental da fé, na sociedade paganizada do nosso tempo.

4. De facto, no contexto «pagão» da Europa do século XXI, ser santo, não significa necessariamente ter as "qualidades" que se exigem a um santo canonizado. Para ser santo, não é necessário realizar acções nem obras extraordinárias, nem possuir carismas excepcionais. Trata-se fundamentalmente da coragem de ser livre e de ser "diferente", de não embarcar na corrente. Dizer a alguém: «sê santo», significa dizer-lhe: «experimenta seguir Jesus, pelo caminho da Cruz, e encontra nEle a Luz da tua Vida. E depois, sê, pela tua vida (orientada e transformada, séria e alegre, humilde e transparente, orante e confiante, livre e generosa), um ponto de referência para os outros: que os teus irmãos, os teus filhos, os teus colegas, o teu marido ou a tua esposa, ao aproximarem-se de ti, entrem em contacto com a visão do Deus vivo, que celebras na Eucaristia». Ser santo significa que qualquer um de nós há-de ser, com todas as suas fraquezas e todas as suas dificuldades, uma janela para a luz do Deus vivo. O exemplo dos santos constitui, para nós, um encorajamento a seguir os mesmos passos, a experimentar a alegria daqueles que confiam em Deus, porque a única verdadeira causa de tristeza e de infelicidade para o homem é viver longe de Deus.

5. Os cristãos, hoje, como sempre, ou são «santos» ou não são «cristãos»! Não basta que sejamos «boas pessoas» ou «pessoas boas». É preciso que brilhe no nosso modo de olhar a vida "uma luz" diferente; é

preciso, que a prática do amor, tenha uma marca de pureza e grandeza, que conduzam à fonte divina donde brota. É preciso que a nossa vida, apareça "transformada dia a dia" não apenas pelo nosso esforço, mas sobretudo pela graça de Deus, que torna possível «um camelo passar pelo fundo da agulha». Só assim seremos «santos, como os santos», «santos entre os santos». Só assim, seremos «santos» para os outros, marcos e pontos de referência da própria fé. Foi, pelo testemunho da santidade e não por qualquer estratégia poderosa, que os primeiros cristãos se multiplicaram, em terras pagãs.

Por isso, o único necessário e o desafio posto hoje aos cristãos é tão simples como isto: «Sede santos, como o Pai celeste é Santo!».

HOMILIA DO PAPA BENTO XVI
DURANTE A CELEBRAÇÃO DA SANTA MISSA
NA SOLENIDADE DE TODOS OS SANTOS

Quarta-feira, 1 de Novembro de 2006

A liturgia convida-nos a compartilhar o júbilo celeste dos santos, a saborear a sua alegria. Os santos não são uma exígua casta de eleitos, mas uma multidão inumerável, para a qual a liturgia de hoje nos exorta **a levantar o olhar**. Em tal multidão não estão somente os santos oficialmente reconhecidos, mas os baptizados de todas as épocas e nações, que procuraram cumprir com amor e fidelidade a vontade divina. **De uma grande parte deles não conhecemos os rostos e nem sequer os nomes, mas com os olhos da fé vemo-los resplandecer, como astros repletos de glória, no firmamento de Deus**.

No dia de hoje, a Igreja festeja a sua dignidade de "mãe dos santos, imagem da cidade divina" (A. Manzoni), e manifesta a sua beleza de esposa imaculada de Cristo, nascente e modelo de toda a santidade. Sem dúvida, não lhe faltam filhos obstinados e até rebeldes, **mas é nos santos que ela reconhece os seus traços característicos, e precisamente neles saboreia a sua glória mais profunda.**

Na primeira Leitura, o autor do livro do Apocalipse descreve-os como "*uma multidão enorme, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas*" (*Ap* 7, 9). Este povo compreende os santos do Antigo Testamento, a partir do justo Abel e do fiel Patriarca Abraão, os do Novo Testamento, os numerosos mártires do início do cristianismo e também os beatos e os santos dos séculos seguintes, **até às testemunhas de Cristo desta nossa época**. Todos eles são irmanados pela vontade de encarnar o Evangelho na sua existência, sob o impulso do eterno animador do Povo de Deus, que é o Espírito Santo.

Eis, portanto, o significado da solenidade hodierna***: contemplando o exemplo luminoso dos santos, despertar em nós o grande desejo de ser como os santos:*** **felizes por viver próximos de Deus, na sua luz, na grande família dos amigos de Deus. Ser santo significa: viver na intimidade com Deus, viver na sua família. Esta é a vocação de todos nós, reiterada com vigor pelo Concílio Vaticano II, e hoje proposta de novo solenemente à nossa atenção.**

Mas como é que podemos **tornar-nos santos, amigos de Deus?** A esta interrogação pode-se responder antes de tudo de forma negativa: **para ser santo não é necessário realizar acções nem obras extraordinárias, nem possuir carismas excepcionais**. Depois, vem a resposta positiva: é preciso sobretudo ouvir Jesus e depois segui-lo sem desanimar diante das dificuldades. "Se alguém me serve Ele admoesta-nos que me siga, e onde Eu estiver, ali estará também o meu servo. Se alguém me servir, o Pai há-de honrá-lo" (*Jo* 12, 26). Quem nele confia e o ama com sinceridade, como o grão de trigo sepultado na terra, aceita morrer para si mesmo. Com efeito, Ele sabe que quem procura conservar a sua vida para si mesmo, perdê-la-á, e quem se entrega, se perde a si mesmo, precisamente assim encontra a própria vida (cf. *Jo* 12, 24-25). **A experiência da Igreja demonstra que cada forma de santidade, embora siga diferentes percursos, passa sempre pelo caminho da cruz, pelo caminho da renúncia a si mesmo.**

As biografias dos santos descrevem homens e mulheres que, dóceis aos desígnios divinos, enfrentaram por vezes provações e sofrimentos indescritíveis, perseguições e o martírio. Perseveraram no seu compromisso, "vêm da grande tribulação lê-se no Apocalipse lavaram as suas túnicas e branquearam-nas no sangue do Cordeiro" (*Ap* 7, 14). Os seus nomes estão inscritos no livro da Vida (cf. *Ap* 20, 12); a sua morada eterna é o Paraíso. O exemplo dos santos constitui para nós um **encorajamento a seguir os mesmos passos, a**

experimentar a alegria daqueles que confiam em Deus, porque a única verdadeira causa de tristeza e de infelicidade para o homem é o facto de viver longe de Deus.

A santidade exige um esforço constante, mas é possível para todos porque, mais do que uma obra do homem, é sobretudo um dom de Deus, três vezes Santo (cf. *Is* 6, 3).

Na segunda Leitura, o Apóstolo João observa: "Vede que amor tão grande o Pai nos concedeu, a ponto de nos podermos chamar filhos de Deus; e, realmente, o somos!" (*1 Jo* 3, 1). Portanto, é Deus que nos amou primeiro e, em Jesus, nos tornou seus filhos adoptivos. Na nossa vida tudo é dom do seu amor: como permanecer indiferente diante de um mistério tão grande? Como deixar de responder ao amor do Pai celestial, com uma vida de filhos reconhecidos? Em Cristo, entregou-se inteiramente a nós e chama-nos a um profundo relacionamento pessoal com Ele.

Portanto, quanto mais imitarmos Jesus e permanecermos unidos a Ele, tanto mais entraremos no mistério da santidade divina. **Descobrimos que somos amados por Ele de modo infinito, e isto impele-nos, por nossa vez, a amar os irmãos**. O amar implica sempre um acto de renúncia a si mesmo, o "perder-se a si próprio", e é precisamente assim que nos torna felizes.

Assim chegamos ao Evangelho desta festa, ao anúncio das Bem-Aventuranças, que há pouco ouvimos ressoar nesta Basílica. Jesus diz: Bem-aventurados os pobres de espírito, bem-aventurados os aflitos, os mansos, quem tem fome e sede de justiça, os misericordiosos, bem-aventurados os puros de coração, os pacificadores, os que sofrem perseguição por causa da justiça (cf. *Mt* 5, 3-10). Na realidade, o Bem-Aventurado por excelência é somente Ele, Jesus. Com efeito, Ele é o verdadeiro pobre de espírito, o aflito, o manso, aquele que tem fome e sede de justiça, o misericordioso, o puro de coração, o pacificador; Ele sofre perseguição por causa da justiça. As Bem-Aventuranças revelam-nos a **fisionomia espiritual de Jesus** e assim exprimem o seu mistério, o mistério da Morte e da Ressurreição, da Paixão e da alegria da Ressurreição. Este mistério, que é mistério da verdadeira bem-aventurança, convida-nos ao **seguimento de Jesus** e, deste modo, ao caminho que conduz a ela. Na medida em que aceitamos a sua proposta e nos colocamos no seu seguimento cada qual nas suas próprias circunstâncias também nós podemos participar das Bem-Aventuranças. Juntamente com Ele, o impossível torna-se possível e até um camelo pode passar pelo fundo de uma agulha (cf. *Mc* 10, 25); **com a sua ajuda, somente com a sua ajuda podemos tornar-nos perfeitos como é perfeito o Pai celeste** (cf. *Mt* 5, 48).

Amém.

Homilia na Solenidade de Todos os Santos 2006

1. A meio de uma semana, aqui viemos "*da grande tribulação*", do trabalho árduo, da luta diária e do grande combate, ao encontro das fontes da Vida. Aqui viemos, hoje, vestidos com a roupa de Domingo, revestidos com o traje de festa! E a Liturgia, com as suas vestes brancas, recorda-nos a nossa túnica baptismal de filhos de Deus, e associa-nos a essa inumerável multidão *dos que foram branqueados no Sangue de Cristo*! Este é o dia, em que nos são abertos os olhos, para a alegria de ser cristão e a para a beleza de ser santo!

2. Ser cristão ou ser santo – tanto faz - é afinal tão simples como isto: viver conforme à dignidade dos filhos de Deus e, com a graça do seu Espírito Santo, seguir Jesus. Parecer-nos-á porventura tão estranho e tão tamanho este caminho! Talvez fosse, por isso, interessante, revisitar os personagens que encontrámos, no evangelho, ao longo destes últimos Domingos. Diríamos, que o Evangelho nos ilustrou, ao vivo, numa série de episódios, este programa da santidade, proclamado hoje, em jeito de síntese, nas Bem-Aventuranças! Parece, que cada uma das Bem-Aventuranças, se afigura num desses personagens. Senão vede, comigo:

a) *Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus!* Quem não lembra, do passado domingo (30 Dº), o pobre cego de Jericó, que, ao largar a capa, nos abriu os olhos, para a alegria de seguir Jesus, no caminho da Cruz? E, em contraluz, quem não recordará a triste figura do jovem rico (28 Dº), que perdeu a oportunidade da sua vida, e virou costas a Jesus, porque tinha muitos bens!

b) *Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.* Quem não tem bem gravado ainda, no seu ouvido, o grito insistente do cego, que suplicava por misericórdia! Não era ele, para nós, a imagem do cristão, que sai das trevas do pecado, atraído pela Luz de Cristo, e caminha toda a vida, iluminado pela graça da sua misericórdia?!

c) *Bem-aventurados os mansos, os humildes, porque possuirão a terra*. Quem não lembra (29 Dº) Tiago e João, que queriam ficar à direita e à esquerda de Jesus? E a quem Jesus ensinou a não exercer o domínio, nem a fazer sentir o poder, sobre os outros, mas a tornarem-se servos de todos?! Quem não lembra a Promessa de Jesus, a Pedro (28 Dº): "*Todo aquele que tiver deixado tudo, por minha causa e por causa do evangelho, receberá cem vezes mais neste mundo, em casas, irmãos, irmãs, filhos e terras e no mundo futuro a vida eterna*!

d) *Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.* Quem não lembra, ainda, há mais de um mês (26º Dº), a advertência e a ameaça de São Tiago, aos que se *deixavam apodrecer e enferrujar pelas suas riquezas*, ao mesmo tempo, que ressoam, nos nossos ouvidos as consoladoras palavras de Jesus (26 Dº): «*quem vos der a beber um copo de água, por serdes de Cristo, em verdade vos digo, não perderá a sua recompensa*».

e) *Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.* Estão ainda, na nossa memória, porventura, algumas polémicas dos fariseus com Jesus, uma das quais sobre o divórcio e o adultério (27 Dº). E Jesus falava-nos então da «*dureza do coração*», a que se contrapõe, noutro passo do evangelho, a figura da mulher adúltera, a quem Jesus restitui a dignidade de mulher, pela graça do perdão e da misericórdia!

f) *Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.* Quão sugestiva era – lembram-se - a imagem da criança, que Jesus colocou no meio dos discípulos (27º Dº), apontando-nos, com clareza, o caminho possível da infância espiritual, da simplicidade e da confiança, no seguimento amoroso de Jesus (25º Dº)!

g) *Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus*. Era essa a lição que Jesus dava ao discípulo João, quando este queria impedir um certo homem, de fazer o bem, pelo simples facto de não pertencer ao grupo dos discípulos (26º D). Nessa altura, Jesus incluiu entre os seus, entre todos os filhos de Deus, aqueles que lutam pelo bem e deste modo constroem a Paz.

h) *Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.*

i) *Bem-aventurados sereis quando vos insultarem, vos perseguirem e, mentindo, disserem toda a espécie de calúnias contra vós*.

Estas duas últimas bem-aventuranças tornam mais claro, o que se percebera já desde o princípio. As Bem-Aventuranças não são apenas o programa de Jesus. São também o seu auto-retrato. Quem não

lembra (25º Dº), aquele primeiro anúncio da Paixão, quando Pedro, confessava, em Cesareia de Filipe, que Jesus é o Messias. Então Jesus advertia-o de que "*o Filho do Homem tinha de sofrer muito, de ser rejeitado e de ser morto, para ressuscitar três dias depois*".

(podem omitir-se os pontos 3 e 4 da Homilia)

3. Os personagens do evangelho, que acabámos de recordar, santos e pecadores, não são criações artísticas, de uma série de super-homens. São aqueles que seguiram Jesus. E depois deles, vieram tantos outros, ao longo da História, que revolucionaram o mundo, com o fogo da caridade. Tendo começado a abrir o álbum pela figura do cego, que largou a capa, - neste ano pastoral, que nos propusemos centrar na caridade - "*penso, de modo especial, em **Martinho de Tours** († 397), primeiro soldado, depois monge e Bispo: ele mostra-nos o valor insubstituível do testemunho individual da caridade. Às portas de Amiens, **Martinho partilhara metade do seu manto com um pobre**; durante a noite, aparece-lhe num sonho o próprio Jesus trazendo **vestido aquele manto**, para confirmar a perene validade da sentença evangélica: «Estava nu e destes-Me de vestir (...). Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes*» (*Mt* 25, 36.40)" (DCE 40).

4. Mas, "na **história da Igreja**, quantos outros testemunhos de caridade podiam aqui ser citados! Desde Santo Antão, (passando por São Gonçalo), até Teresa de Calcutá, os Santos permanecem modelos insignes de caridade social. Eles são os verdadeiros portadores de luz dentro da história, porque são homens e mulheres de fé, esperança e caridade" (DCE 40)!

5. Irmãos e irmãs: No álbum dos personagens do Evangelho, no álbum da santidade da Igreja, no grande livro da Vida, está sempre disponível um espaço em branco, para Deus inscrever o nosso nome e pôr lá o nosso retrato. *Alegrai-vos e exultai, pois é grande nos céus a vossa recompensa!*

Homilia na Solenidade de Todos os Santos 2006 (II)

A televisão e os jornais já não têm espaço e "pachorra"… para o BEM e a BONDADE. Quem neles manda, já não deixa que se mostre a beleza… das pequenas coisas… e das pessoas de bem. Parece até que *as notícias só valem e vende*… se tiverem suspeitos e criminosos, se o sangue em directo se vir jorrar, e se houver, *nem que seja remotamente*, uma suspeita de desordem e pecado. O crime e a podridão, a pedofilia e o aborto, as aberrações e o mal, PARECEM COBRIR… todo o longo manto branco… desta humanidade, que somos. HÁ, sonoro, UM GRITO de uma certa indignação!...No fundo, de um certo desespero, *a que este pobre mundo pagão… nos tem conduzido*.

É neste contexto, de uma enorme desconfiança, *em que mais ninguém parece acreditar em quem quer que seja*, que é bom e saudável celebrar o Dia de Todos os Santos. Este dia de hoje, de Todos os Santos, é um claro convite a TER CONFIANÇA NA HUMANIDADE! É preciso, hoje, acreditar nas capacidades da pessoa humana e ter a certeza da fecunda graça de Deus. Há, POR AÍ, pessoas muito santas! Pessoas sãs… em nossa casa e no trabalho, entre as classes e as profissões, entre todos os credos e religiões! Há, de facto, pessoas a viver acima da normalidade! Há pessoas que são autênticos heróis… na simplicidade e na entrega, nas tribulações e nos sacrifícios, na fidelidade e nos sofrimentos. GRAÇAS A DEUS, A HUMANIDADE CONTINUA A PRODUZIR frutos muito bons, inteiros e saborosos, …… de vidas… de homens e mulheres… QUE VIVEM de modo extraordinário, excepcional, O MAIS COMUM e ORDINÁRIO dos seus dias. Não foi por acaso que, no Pontificado de João Paulo II, se beatificou e canonizou, *como nunca tinha acontecido*!*ONDE É QUE todos esses homens e mulheres, simples e santos, encontraram força para a sua santidade? ONDE foram eles buscar a sua força? Quando nos atrevemos a estudar* a vida de cada um, damos de caras com a oração, a contemplação silenciosa de Jesus, a celebração da sua fé com as outras pessoas. *Que é o mesmo que dizer:*… dialogaram com Deus, namoraram com Ele e celebraram a sua fé numa comunidade (não sozinhos…). E depois… percebemos que foi na medida desta vida interior e espiritual que todos esses homens e mulheres… *até diante dos momentos mais difíceis, alguns de completa obscuridade*, chegaram a ser santos!

É por isso que O NOSSO CAMINHO DE SANTIDADE… não pode brotar… a não ser da fé. É por isso que a n/ fé, não resiste sem a oração. É por isso*, também,* que a nossa oração nunca o será sem o silêncio e a sua celebração em comunidade. Estes são OS INGREDIENTES DA SANTIDADE, para todo e qualquer fiel baptizado, … de todo e qualquer estado, … daquele ou deste tempo.

HOMILIA NA SOLENIDADE DE TODOS OS SANTOS 2005

"Esta é a geração dos que procuram o Senhor"! (Sal.23/24,6)

1. Eis-nos diante de uma longa lista de homens e mulheres que, na sua vida, buscaram constantemente a Deus, que está próximo de nós, e que, por eles, nos indica o caminho da Vida! É a "*multidão imensa*" dos santos – famosos ou desconhecidos – mediante os quais o Senhor nos abriu ao longo da história o Evangelho, folheando as suas páginas; e continua a fazê-lo ainda. Nas suas vidas, revela-se a riqueza do Evangelho, como num grande livro ilustrado. Os santos são estrelas luminosas, que Deus tem deixado no percurso da história e continua a deixar ainda!

2. O Papa João Paulo II beatificou e canonizou um grande número de pessoas, tanto de tempos recentes como distantes. Nestas figuras, quis demonstrar-nos como se consegue ser cristão; como se consegue viver também hoje à maneira de Deus. Os beatos e os santos foram pessoas que não procuraram obstinadamente a própria felicidade, mas quiseram simplesmente entregar-se, porque foram alcançados por Cristo, "o *mais belo dos filhos dos Homens*" (Sal.45,3). Deste modo, eles indicam-nos o caminho para sermos felizes. E mostram-nos, ao mesmo tempo, como, pela graça de Deus, nos tornamos pessoas verdadeiramente humanas!

3. Nas vicissitudes da história, foram os santos os verdadeiros reformadores. Foram eles que, tantas vezes, retiraram a humanidade dos vales obscuros, nos quais está sempre em risco de se precipitar! Diríamos mais: só dos santos, só de Deus, provém a verdadeira revolução, a mudança decisiva do mundo. No século passado, vivemos revoluções cujo programa comum foi não esperar nada de Deus, mas tomar totalmente nas próprias mãos a causa do mundo, para transformar as suas condições. E vimos que, deste modo, um ponto de vista humano e parcial, tornou-se o critério absoluto de orientação. A absolutização do que não é absoluto, mas relativo, chama-se totalitarismo. Não liberta ao homem, mas priva-o da sua dignidade e escraviza-o.

4. Os santos mostram-nos que não são as ideologias que salvam o mundo, mas somente o olhar voltado para o Deus vivo, que é nosso criador, que é a garantia da nossa liberdade, a garantia do que é realmente bom e autêntico. A verdadeira *revolução* consiste unicamente em olhar para Deus, que é a medida do que é justo e, ao mesmo tempo, é o Amor Eterno. E, o que nos poderá salvar senão *a beleza do amor?*

Dizia-nos o Papa Bento XVI, na Missa de canonização de cinco beatos no Domingo de encerramento do Sínodo e do Ano da Eucaristia: "Santo é todo aquele que está tão fascinado pela beleza de Deus e pela sua perfeita verdade, que se deixa transformar pouco a pouco por essa verdade e por essa beleza. Por essa verdade e por essa beleza, está disposto a renunciar a tudo, também a si próprio. Basta-lhe o amor de Deus, que ele experimenta no serviço humilde e desinteressado do próximo, especialmente daqueles que não têm capacidade de corresponder". Somente, partindo desta íntima explosão do bem, que vence o mal, se pode suscitar uma série de transformações, que pouco a pouco mudarão o mundo! Todas as demais mudanças são superficiais e não salvam.

5. Caríssimos irmãos: À comunidade dos santos, não pertencem apenas as grandes figuras, que nos precederam e cujos nomes conhecemos. Todos nós formamos a comunidade dos santos, nós, que somos baptizados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, nós que vivemos do dom da Carne e do Sangue de Cristo, por meio do Qual Ele nos quer transformar e tornar-nos semelhantes a Ele mesmo. O Corpo e Sangue de Cristo são-nos dados aqui, na Eucaristia, para que, por sua vez, nós sejamos transformados, pouco a pouco, até se manifestar em nós o que devemos ser: uma só coisa com Cristo, bem-aventurados filhos de Deus!

HOMILIA NA SOLENIDADE DE TODOS OS SANTOS 2004

«Estavam de pé, diante do trono e na presença do Cordeiro,
vestidos com túnicas brancas e de palmas na mão».

1. São João descreve-nos o cenário da grande vitória pascal, alcançada em Cristo, pela Igreja e pela Humanidade. É uma vitória celebrada *de palmas na mão* por uma *magnífica assembleia de santos*. É, no seu dizer, *uma multidão imensa, e que ninguém podia contar*! Uma assembleia exemplar em oração, que está de pé, a cantar, na presença de Cristo, o Cordeiro, que, imolado, se oferece continuamente ao Pai por nós! Esta assembleia de santos está *de pé*, ressuscitada com Cristo. *De túnicas brancas*, porque lavada no Sangue do Cordeiro. É, enfim, uma assembleia em «***eucaristia***», em *acção de graças*, em louvor e em festa, a celebrar a vitória pascal do Senhor Jesus Ressuscitado. À multidão dos *Santos*, associam-se, em círculo, *os Anjos*, que se prostram em adoração, e em diálogo, respondem e confirmam *o louvor* que é devido e merecido ao Cordeiro, aclamando e cantando: «*ámen, ámen*».

2. Diríamos que este é ainda um cenário bem longe da nossa realidade. Mas na verdade, *ele está posto diante de nós*, como esperança da futura glória e mistério a viver e a celebrar desde já. Temos nesta visão de São João uma espécie de *projecção do que há-de e deve ser a Igreja de Cristo*: uma Igreja que vive ***da Eucaristia**, (da entrega de Cristo)* ***em Eucaristia*** (em louvor e acção de graças), ***para a Eucaristia*** (para a comunhão e santificação da única família de Cristo). É enfim a Igreja que se *reúne para o louvor*, para a *acção de graças*, e que vê já no dom e na celebração da Eucaristia "*o penhor da futura glória*", a antecipação da glória celeste! (cf. Cat. Ig. Cat.14029)

3. "*Não é por acaso que, nas Orações Eucarísticas latinas, se lembra com veneração a figura de Maria, sempre Virgem, Mãe do nosso Deus e Senhor Jesus Cristo, e também a dos anjos, e a dos santos apóstolos, a dos gloriosos mártires e de todos os santos. Trata-se dum aspecto da Eucaristia que merece ser assinalado: ao celebrarmos o sacrifício do Cordeiro,* ***unimo-nos à liturgia celeste, associando-nos àquela multidão imensa que grita****: «A salvação pertence ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro» (Ap 7, 10)"* (Ecc. Euch. 19). Nesse sentido, continua o Papa: "*A Eucaristia é verdadeiramente um pedaço de céu que se abre sobre a terra; é um raio de glória da Jerusalém celeste, que atravessa as nuvens da nossa história e vem iluminar o nosso caminho*" (Ib.19).

Numa palavra, na Eucaristia sentimo-nos particularmente unidos aos santos, irmãos nossos, que já percorreram o caminho e se encontram gozando da vida plena de Deus, participantes da Páscoa definitiva de Cristo. "*Configurados com Cristo na morte, eles tomam parte na sua Ressurreição*". Continuam a pertencer à nossa família. Estamos unidos a eles. São nossos modelos de vida evangélica. Ao fazemos memória dos santos na Eucaristia, lembramos e invocamos o seu papel de intercessores: sabemos que os seus méritos e orações são a melhor recomendação para nós.

4. Se é verdade que a Eucaristia nos põe em comunhão com os santos, ela torna-se, também para nós, verdadeira ***fonte de santidade***. É preciso dizê-lo com vigor neste Ano da Eucaristia. "*A Eucaristia faz-nos santos, e não pode haver santidade que não esteja incardinada na vida eucarística. «Quem me come viverá por mim» (Jo 6, 57). Esta verdade é testemunhada pelo senso comum da fé de todo o povo de Deus. Mas de modo especial são dela testemunhas, os Santos, nos quais resplandece o mistério pascal de Cristo»*.

5. «*Meus queridos irmãos e irmãs, vamos à escola dos Santos, grandes intérpretes da verdadeira piedade eucarística*» (*Ecc. Euch*, 62), "*na Eucaristia encontraram o alimento para o seu caminho de perfeição. Quantas vezes eles derramaram lágrimas de comoção na experiência de tão grande mistério e viveram indizíveis horas de alegria «esponsal» diante do Sacramento do altar*" (*Mane Nobiscum Domine* 31).

"Os exemplos poderiam ser inumeráveis: de Santo Inácio de Antioquia a Santo Ambrósio, de São Bernardo a São Tomás de Aquino, de São Pascoal Baylón a Santo Afonso Maria dei Liguori, de Santa Catarina de Sena a Santa Teresa de Ávila, de São Pedro Juliano Eymard a São Pio de Pietralcina, até aos «mártires da Eucaristia», antigos e modernos, de São Tarcísio a São Nicolau Pieck e seus companheiros, a São Pedro Maldonado" (S.C.C.D.D.S., *Sugestões e propostas para o ano da Eucaristia* 6).

Nesta Igreja, têm particular relevo os dominicanos *São Tomás e Santa Catarina de Sena*. O primeiro, doutor evangélico, deixou-nos um dos mais belos hinos eucarísticos, que termina com estas palavras, que também a nós servem agora de conclusão:

"Jesus, a Quem contemplo oculto agora,
Dá-me o que eu desejo ansiosamente:
Ver-Te, face a face, na Tua glória
E na glória contemplar-Te eternamente.
Ámen"!

Homilia na Solenidade de Todos os Santos 2003

1. Professar a nossa esperança no Homem, é agora o grande desafio da nossa fé em Deus. As antenas da televisão não têm tempo para a publicidade do bem e da bondade. O papel efémero do jornal não tem espessura, para aguentar a beleza das pequenas coisas e das pessoas de bem. Os noticiários fazem gala da mancha negra de suspeitos, de criminosos ou de corruptos, como se ela cobrisse toda a longa túnica branca desta humanidade, que somos. Há uma suspeita de desordem e de pecado, no peito ou no feito do mais inocente. A anormalidade e o crime, a podridão e o mal, gozam de boa imprensa. O nosso país – dizem – está a bater no fundo, com uma enorme perda de confiança. Os políticos vêm a terreiro tentar fazer a pedagogia da autoestima, para assim levantar a moral dos portugueses. Mas nem a euforia dos novos estádios de futebol, consegue calar a grito de uma certa indignação. De um certo desespero, a que, no fundo, este pobre mundo pagão, nos tem conduzido.

2. Neste contexto, que alguns classificam de «*depressão colectiva*», de desconfiança profunda, em que ninguém mais parece acreditar em quem quer que seja, é bom e salutar celebrar o Dia de Todos os Santos. Porque esta Solenidade é um convite a ter confiança na Humanidade. A acreditar nas possibilidades da pessoa humana e na superior abundância da graça de Deus, sobre todas as misérias humanas. Há de facto gente muito sã e santa, entre os famosos e os desconhecidos, entre os mediáticos e os remediados, entre nós e connosco, no canto do trabalho ou no recanto da nossa casa. Há ainda, graças a Deus, muito quem viva acima da média, numa vida heróica e simples, de entrega e de sacrifício, de resistência e de fidelidade, no meio de grandes tribulações, de crises e sofrimentos. Esta Humanidade, nesta Igreja que somos, tem dado, graças a Deus, frutos preciosos, vidas completas, de homens e mulheres, de servos e servas, que vivem de modo extraordinário o mais comum e ordinário dos seus dias.

3. Não por acaso, o Santo Padre se tem incansavelmente dedicado a beatificar ou a canonizar pessoas de diversos países, de diferentes famílias religiosas, de diversos estados de vida, destes tempos que são os nossos. E tivemos a felicidade de assistir ainda há quinze dias à beatificação da Madre Teresa de Calcutá (26-08-1910+5-09-1997). Era uma santa, com direito excepcional a tempos de antena. Uma pequenina mulher, que víamos na sua fragilidade feminina e na sua grandeza evangélica tornar-se não só a mais pequena, mas a serva dos mais pequenos. A própria comunicação social não escapava ao fascínio da sua santidade, daquela autêntica e completa humanidade, que brilha no testemunho dos santos, como a Madre Teresa. Ela inclinava-se sobre os mais pequeninos. E os grandes deste mundo vergavam-se à força do seu amor. A sua grandeza residia na sua capacidade de dar sem calcular o custo, de se doar "*até doer*". Gostava de repetir que *a maior pobreza é não sermos desejados,* não ter ninguém que se ocupe de nós. Por isso, a maior riqueza é conhecermos em nós ou reconhecermos no outro a dignidade de filhos amados por Deus!

4. Onde foi que Madre Teresa encontrou a força, para se dedicar completamente ao serviço do próximo? Encontrou-a na *oração* e na *contemplação silenciosa de Jesus Cristo.* Nos momentos mais difíceis, alguns de completa obscuridade, ela recorria com mais tenacidade à oração, diante do Santíssimo Sacramento. Ela mesma o disse: "O fruto do silêncio é a oração; o fruto da oração é a fé; o fruto da fé é o amor; o fruto do amor é o serviço, o fruto do serviço é a paz".

5. Nenhum destes ingredientes se pode excluir, no caminho da santidade, como se a caridade não brotasse da fé. Como se pudesse a fé resistir sem a oração. Como se a oração dispensasse o silêncio ou a celebração. Estes são os ingredientes da santidade, para todo e qualquer fiel baptizado, de todo e qualquer estado, daquele ou deste tempo.

Na verdade, o santo não é apenas um homem bom, se não tem a consciência e a vivência, pela fé, de que "bom é só Deus". O Santo não é apenas o homem dado ou dedicado, se no seu esforço não é animado pelo Espírito da Caridade. Nem o benfeitor é automaticamente um santo, só pelo facto de dar, se não se reconhece ele próprio agraciado e beneficiado por Deus. A santidade não é apenas uma recta bondade humana. É sobretudo obra da graça de Deus, o mais precioso fruto da Páscoa de Jesus, um dom do Espírito à Igreja e ao mundo.

6. Caríssimos irmãos:

A via da santidade é agora como sempre a nossa prioridade. Mas hoje, mais do que nunca, precisamos de santos, para olhar em frente e para cima, para acreditar não só na grandeza de Deus, como na riqueza desta humanidade, que é obra sua. De facto, os santos são o rosto mais belo da nossa esperança na humanidade. Eles têm na fronte a marca da nossa confiança no futuro. Honrá-los é professar a nossa fé em Deus e a nossa esperança no Homem.

Homilia na Solenidade de Todos os Santos 2002

1. Uma estranha geração, diríamos, disposta a escalar a montanha, para escutar o Sermão do Mestre e fazer o esforço de subir com Ele e até ao fim, o caminho luminoso da Cruz. Estranha geração, que encontra a perfeita alegria na dor e no suor, na partilha e no sacrifício da própria vida. É uma geração pronta a dobrar a alta fasquia do amor, na renúncia de si mesmo, na determinação firme de amar e de servir a custo zero, sem recompensa imediata, nem felicidade instantânea.

É a geração *dos que procuram o Senhor*, dos que não se procuram a si mesmos, dos que têm, por isso, *as mãos inocentes* do interesse e do proveito, daqueles que não se lavaram nas águas mornas de Pilatos, mas *se branquearam no sangue vivo do Cordeiro*. *Vieram da grande tribulação*, da luta árdua pelo Reino de Deus e pela sua justiça, bem no centro da vida e do coração do mundo. É a geração dos eleitos, dos que estão marcados pelo sinal da Cruz. É uma enorme multidão de irmãos - diz o Apocalipse - cuja fama vem de longe e não se perdeu na poeira dos tempos. Estão em grande festa, a celebrar com Cristo a vitória da sua Páscoa gloriosa.

2. Mas esta geração não é, por certo, a do «*big brother dos famosos*», dos que procuram o fumo da fama, fugaz e ridícula, com a sua dignidade a saldo, por causa do saldo a descoberto. Estes não procuram o Senhor, nem os outros, mas a si próprios, como deuses para si mesmos. Estes não têm, diante de si, a medida alta da vida comum, mas derrapam até ao mais baixo e ao mais vil da sua vida ordinária. Estes cedem ao sentimento passageiro, e fazem greve ao pensamento profundo. Não têm fasquia de exigência. Tem apenas na mira o top da audiência. Mas é esta gente, infelizmente, que faz capa de revista, que suscita admiração, que desperta a paixão, que encontra exemplo e imitação, na geração dos que mais nada procuram…

3. Precisamos, por isso, e cada vez mais, de celebrar os santos, de colocar diante dos nossos olhos, a figura luminosa e o exemplo brilhante de homens e mulheres, como nós, irmãos nossos santificados no Baptismo e na procura diária e humilde da sua santificação. Precisamos de olhar para cima, de erguer a cabeça para o alto, de contemplar o testemunho de todos os santos, daqueles que lutaram como "*altas patentes*" do exército dos mártires, e ficaram registados no livro da Vida, ou daqueles que combateram e fizeram crescer o Reino de Deus, e são na Igreja uma multidão inumerável de "*soldados desconhecidos*".

As nossas crianças e os nossos jovens, os pais e os mais velhos, neste tempo de tudo e de nada, todos precisamos de referências seguras, de modelos dignos a seguir, de vidas inteiras a imitar, no seguimento fiel de Cristo. Precisamos de olhar para quem é mais alto e vai mais além, do que a baixa estatura daqueles que a televisão espreita pelo buraco da fechadura, para colocar à janela dos nossos olhos. Esses não estão acima de nós, para que possamos levantar para o alto a cabeça e crescer. Esses estão abaixo de tudo, para a todos nos diminuir e apodrecer.

4. Ao longo dos últimos anos este Papa tem-se multiplicado em beatificações e canonizações. Abunda o exemplo de médicos e artistas, de índios e trabalhadores, de pais e de professores, de casais e de filhos, mesmo que ainda crianças. É uma forma de nos fazer perceber o apelo universal à santidade, meta da existência de cada cristão, no seguimento fiel de Cristo. Ele transforma a nossa pobreza humana, em testemunho de grandeza divina.

Qual afinal o segredo desta santidade? Nada de especial: a Oração diária, a Reconciliação frequente, a eucaristia dominical, a caridade atenta. É a «*receita*» comum, o segredo do êxito de todas estas vidas. Não é caminho que não possamos percorrer. É subida em que verdadeiramente todos os santos nos ajudam!...

Homilia na Solenidade de Todos os Santos 2001

1. *Esses que vestem as túnicas brancas quem são e donde vieram?* Não são heróis de nenhuma banda-desenhada, nem uma espécie de super-homens, muito acima do comum dos mortais. Não são uma meia dúzia de "inocentes", ingénuos ou exaltados, ignorantes dos pesadelos da vida e, porventura, desprezando o mundo em que vivemos. São – na resposta do ancião do Apocalipse - «*os que lavaram as túnicas e as branquearam no Sangue do Cordeiro*». São simplesmente, homens e mulheres, de carne e osso, que se lavaram, como nós, nas águas do Baptismo e, assim, enxertados na morte e ressurreição de Cristo, se «*branquearam no Sangue*» de Cristo morto e Ressuscitado. São santos, como nós, pela graça do Baptismo. E corresponderam, de modo exemplar, à vontade de Deus, a respeito de todos nós: a nossa santificação (I *Tes* 4,3). Eles estão de pé, bem vivos, diante do Cordeiro, porque são homens e mulheres que não se vergaram à mediocridade, nem pautaram a sua vida pelo proveito máximo ou pela exigência mínima" (N.M.I. 30).

2. São homens e mulheres, «*santificados*» no Baptismo, que vieram da grande tribulação, da luta da vida quotidiana, assumida na cruz de cada dia, que deram testemunho da diferença, e se entregaram amorosamente à vida pela vida dos outros. Esta foi a sua heroicidade: terem vencido os limites e dificuldades da vida diária, terem levado a sua Cruz ao Calvário e encontrado aí a felicidade eterna, na fidelidade atenta de cada instante. Não são, por isso, génios de uma vida extraordinária, possível de percorrer apenas por alguns. Eles colocaram na sua estrada o ideal que Cristo põe diante de nós, expresso no radicalismo do Sermão da Montanha: «*Sede perfeitos, como é perfeito vosso Pai celeste*» (*Mt* 5,48).

3. A celebração deste dia, ao colocar diante de nós, a grandeza destas pequenas vidas, lembra-nos que é chegada a «hora de propor de novo a todos, com convicção, esta *«medida alta» da vida cristã comum:* toda a vida da comunidade eclesial e das famílias cristãs deve apontar nesta direcção» da santidade (N.M.I. 30). Por isso o Papa, ainda há poucos dias, beatificou, em Roma, um casal, Luís e Maria Beltrame. «*Estes esposos* - disse o Papa - *viveram uma vida ordinária de modo extraordinário. No meio das alegrias e das preocupações de uma vida normal, souberam levar uma existência rica em espiritualidade. No centro, a Eucaristia diária, a que se juntava uma devoção filial à Virgem, invocada com o Rosário que rezavam todos os dias pela tarde e a referência a sábios conselheiros espirituais. Assim souberam acompanhar os filhos no discernimento vocacional, para os fazer ver e avaliar tudo "das telhas para cima", como simpaticamente costumavam dizer*».

4. Que este testemunho irradie em vossos corações, queridos esposos, queridos pais, queridos noivos (e até jovens namorados). Como todo o caminho de santificação também o vosso é difícil. Dificuldades, provas, momentos de desconcerto e de desalento, pela doença, pela morte prematura ou pela separação, exigem um grande testemunho de fidelidade, tanto mais belo, quanto mais purificado no crisol da dor. Mas a vossa santidade é desejável e é possível, é um dom e uma necessidade, apesar da vossa fraqueza, «*que é grandemente ajudada pela solicitude fraterna dos santos*» (L.G. 49. Que a Igreja, Esposa de Cristo, santa e imaculada, sem mancha nem ruga, cresça e resplandeça a partir das nossas famílias cristãs, de modo a cada um encontrar o seu próprio caminho de fidelidade ao Senhor. Que o milagre do amor aconteça silenciosamente na Igreja Doméstica, que se edifica humildemente debaixo dos telhado. Para que se possa dizer que afinal "*santos da casa fazem milagres*".

Homilia na Solenidade de Todos os Santos 2000

1. Sei que este Sermão só podia ser pregado no alto da Montanha, com o coração mais perto do céu, que os pés do chão. Sei que este Discurso da Felicidade não teria ouvintes em qualquer Praça da nossa Alegria. São promessas que não dão votos. Felicitações, sem desconto. Convites ousados, sem o arranjo da publicidade. Sonhos oferecidos, sem a venda da ilusão. Estranha forma de vida – direis - para gente tão acostumada à grande feira da felicidade... onde a sorte grande parece o passaporte do céu, o horóscopo se torna a carta de condução, e a fama serve de cartão de crédito a abrir o *«site»* (o sítio) da nossa felicidade virtual.

2. E todavia as Bem-Aventuranças são o retrato do Mestre, feito pelo próprio, desenhado no seu berço de palha, pintado com o sangue da sua Cruz, acabado na luz nova da Ressurreição. São apelo a segui-lo, na liberdade do amor. Desafio à perfeição. As Bem-Aventuranças são provocação para o nosso desejo... num mundo de homens, que têm o Céu tão baixo, asfixiados, por vezes, nas nuvens das suas pequenas ilusões. Jesus sabe bem que não se é feliz enquanto não se sofreu! (Charles Perrault). E que sofrer amando, já não é sofrer. E por isso não se envergonha de nos falar hoje dos árduos custos desta felicidade, ou seja, dos difíceis caminhos da santidade!

3. É uma felicidade que só pode ser durável no desprendimento. É nada querer como seu, para dar tudo de si. Pois a felicidade não consiste em adquirir ou desfrutar. Mas em ser livre. São "**felizes os pobres**", os que já perceberam que tudo presta e nada vale!

É uma felicidade que não tem a medida da fama, mas vive da alegria tamanha e simples de existir e de caminhar, com passos tão rasos, tão rasteirinhos, que beijam a terra, por amor do Céu. **Felizes os humildes**, porque possuirão a Terra, sem ser comidos por ela...

É uma felicidade maior do que a do prazer ou a da abundância. É feita de lágrimas sentidas, de dores partilhadas, de feridas curadas na ternura de longos olhares e largos gestos. A felicidade é, antes de tudo, um efeito do coração**.** «*Quem está doente sem que eu o esteja também*»? Perguntava São Paulo (II Cor.11,29). **Por isso, felizes os que choram**, por ter coração e fazer peito à desgraça alheia. Porque não serão nunca cristãos de aparência.

É uma felicidade que conhece a fome da insatisfação, a sede do infinito e não se deixa roer no âmago do ventre cheio. **Felizes os que têm fome e sede.** Serão consolados já agora pelo canto do pássaro ao amanhecer, pela água fresca da fonte à beira do caminho, pelo trincar lento da maça.

Felizes os misericordiosos, os que esperam e dão o seu perdão, porque entrarão mais fundo e conhecerão mais por dentro o infinito coração de Deus.

Felizes os puros de coração, os que preferem a vida simples, como a criança, o lírio e a pomba, sem preocupações ou pretensões de maior, porque a cada instante basta a sua esperança e a sua alegria. Felizes os puros de coração, porque verão a Deus. E porque toda a felicidade é inocência.

Felizes os construtores da Paz, que viram em cada homem um irmão. E os que deram a vida para que este terrão que pisamos se tornasse o alicerce da Casa do Pão, daquela Casa que não tem chão.

Felizes os perseguidos, porque o caminho da Cruz é aquele que Deus reserva para os seus predilectos; pois «*quanto mais os ama, mais os enche de contrariedades*».

4. Meu Deus, estarei eu a sonhar? Ou não será que, por falta de santos, o nosso mundo se está a converter num terrível pesadelo? Ou não será que é tanto o tamanho do sofrimento dos homens, como a extensão do pecado no mundo? Ou não será que uma alegria sem Deus é uma felicidade a prazo? Então se queremos ser felizes, sejamos santos de carne e osso... amando aqui e hoje a Deus, com a força dos braços e o suor do rosto! Sede santos, como Deus é Santo! Sede felizes, porque Deus é feliz na felicidade que nos dá! Em parte hoje. Em plenitude, amanhã.

Homilia na Solenidade de Todos os Santos 1999

«Caríssimos: Agora somos filhos de Deus
e ainda não se manifestou o que havemos de ser»!

1. Um belo pensamento, para este tão grande dia da Igreja e da fraternidade dos homens. Porque somos isso, santos de raiz e pecadores até á medula. Porque somos feitos à imagem de Deus e afeitos aos enganos do mundo. Porque somos escolhidos por Deus à parte e fugitivos, por nossa conta. Somos filhos, por condição, e «pródigos» por inclinação. Santos e pecadores, é o que nós somos. Somos filhos de Deus e filhos dos homens. Somos de Deus, por inteiro, mas para Deus em parte. Somos obra das suas mãos, mais em gérmen, do que em fruto amadurecido. «Aquilo que somos ainda não aconteceu! Se calhar estamos ainda a chegar lá». Diz Alçada Baptista, no seu «*Tecido de Outono*». Eu creio que sim. Que o homem é muito mais do que parece! É maior do que pensa! Chamado mais longe do que pode e quer! «Caríssimos: Agora somos filhos de Deus e ainda não se manifestou o que havemos de ser»!É por isso salutar projectar na pequenez das nossas vidas a grandeza da nossa vocação. Ver com os olhos largos do futuro, os estreitos horizontes do presente. Ver e contemplar os santos, que são o que nós devíamos de ser; são o que nós podemos ser. Não são o impossível, porque foram o que nós somos. Santos, por vocação, desde o Baptismo e santos pelo testemunho, até à morte.

2. São esses que hoje celebramos: santos e Beatos, uma multidão imensa de mulheres e homens desconhecidos, cujo número é impossível calcular (cf. Ap 7, 9). A sua vida atesta a verdade do Evangelho, oferecendo ao mundo o sinal visível de que a perfeição é possível. De que o Homem é chamado a muito mais. De que o Homem é maior do que o homem. E os santos aí estão no nosso mundo, pais e mães, padres e leigos, religiosos e casados, místicos e políticos, brancos e negros, mestres e aprendizes.

3. Mas este ano, com a memória ainda fresca dos duros acontecimentos de Timor, não podemos esquecer, de entre os santos, os mártires. Eles anunciam o Evangelho, dando a vida por amor. Do ponto de vista psicológico, o martírio é a prova mais eloquente da verdade da fé, que consegue dar um rosto humano, inclusive à morte mais violenta e manifestar a sua beleza mesmo nas perseguições mais atrozes. Neles se espelha a grandeza da fragilidade humana. O pior do perseguidor desumano põe a nu, no mártir, o melhor do coração do Homem, como pudemos ver em Timor. Não posso deixar de reconhecer aí a força misteriosa de Deus que nenhum poder é capaz de dominar. E os sinais de Deus manifestaram-se não só na dura resistência, bem acima do que humanamente seria possível, como nos frutos que vieram depois. O sangue dos mártires deu frutos de paz. Foi com Timor, que a ONU percebeu e decidiu que o princípio da não ingerência num país deverá terminar quando os direitos humanos estivessem em causa. Foi, com o empurrão do pequeno Timor, que a gigante Indonésia conheceu o milagre de uma pequena "grande revolução", amadurecida no silêncio de uma surpresa ainda por explicar. Nos mártires timorenses, Deus já nos manifestou muito do que podemos e do que havemos de ser! Por eles, ergamos ao Pai o nosso hino de gratidão: "o exército resplandecente dos mártires canta os vossos louvores". Sim, é o exército daqueles que «lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro» (Ap 7, 14).

Homilia na Solenidade de Todos os Santos 1998

1. Os santos estão fora de moda! Destronados da decoração das nossas casas, estão escondidos no sótão das velhas recordações. Neste dia, dá a impressão que descobrimos, de novo, essas relíquias *dos bons velhos tempos* e as fomos tirar do pó do esquecimento... Esta nossa lembrança vem, ainda por cima, a reboque da dos defuntos, cuja morte tem ainda o condão de sacudir muita da nossa distracção. E também o poder de estragar esta belíssima festa de todos os santos.

2. Esta que é a grande festa de Deus!... A festa do Deus Santo. «*Só Vos sois o Santo*»... cantávamos no glória. Só «*Vós, Senhor, sois a fonte de toda a santidade*»... rezaremos na Oração Eucarística. Sim. Só Deus é o Santo, só a Ele é devida a única adoração, como nos referia o Apocalipse: «*A benção, a glória, a sabedoria e acção de graças, a honra, o poder e a força ao nosso Deus, pelos séculos sem fim*». Para Ele, só para Ele, se dirige então o olhar maravilhado do nosso louvor, segundo o convite do Apóstolo João: «*Vede que admirável amor o Pai nos consagrou em nos chamarmos filhos de Deus*». Celebramos hoje o Deus Santo. Agradecemos-Lhe a condição à qual nos elevou - a de sermos seus filhos. Participamos**,** por dom de Deus, do mistério do Seu Amor, da Sua Bondade, da Sua Intimidade, da Sua Presença. Esta é uma graça dada a todos. Porque todos somos, de facto, filhos de Deus. Sobre cada um de nós recai toda a sua benevolência. É o seu amor que está primeiro. É este amor de Deus a chama na qual se acende o nosso amor ao próximo, o nosso amor por todos.

3. O «santo», homem e mulher, de carne e osso, não é um herói; é aquele que entrou na esfera deste amor absoluto, e ao entrar nele, se assemelha e configura ao modo de pensar e de agir de Deus... De certo modo, o santo é um *expropriado* de si mesmo; já não depende puramente das leis e da eficiência humana, mas da fecundidade divina. Não é simplesmente o homem bom. Porque sabe que não é bom. Nem Ele sabe os frutos que dá. Só Deus - que nele faz o que quer - colhe e reparte dos seus frutos, sem o próprio saber a quem nem como...

4. Todos Santos, porque santificados pela graça do Baptismo. Todos Santos, chamados agora a viver segundo a dignidade de filhos que recebemos de Deus. Se, a alguns a Igreja declara «*santos*», não é tanto pelos seus próprios méritos, mas porque neles o *charme de Deus* foi de tal forma avassalador, que o encanto da sua santidade brilhou de forma mais forte e visível. Mais do que fazer milagres, os santos são «o milagre» do amor de Deus.

5. Sede santos. Vivei no amor, vivei do amor, vivei por amor. O mais pequeno acto de amor autêntico, que renuncia a si mesmo, procede da eternidade de Deus e tem, por isso, que continuar a actuar por toda a eternidade. O que verdadeiramente une o Céu e a Terra, a Eternidade e o tempo, os vivos e os mortos, os santos e os peregrinos, a fé e a esperança... é o Amor. Porque o *amor não acaba nunca*! E o bem e a memória dos que vivem deste amor de Deus, são para sempre! *Sede Santos, como Deus é Santo*.

Homilia na Solenidade de Todos os Santos 1997

1. "*Vede que admirável amor o Pai nos consagrou em nos chamarmos filhos de Deus*"! Vede com que admirável amor nos cria! Vede com que admirável amor nos envolve! Vede com que admirável amor nos abraça, nos alcança, nos ama! Vede!... Deixai-vos seduzir por este olhar de amor! Deixai-vos tocar pela ternura do coração de Deus Pai! E acolhei, saboreai o dom admirável deste Amor. Somos obra das suas mãos. E trazemos gravada na alma a imagem viva do seu coração.

2. Vede como nos ama, como nos quer, sem mérito nosso nem recompensa sua. Ama-nos por Amor. E chama-nos *filhos*! O Pai não nos dá apenas um nome, como o deu a todas as criaturas. A nós, caríssimos, chama-nos pelo nome, quer-nos como seus, gera-nos como filhos, nascidos «hoje» do seu amor eterno! Quer-nos filhos, carne viva desta palavra de amor: «*tu és Meu Filho, Eu hoje te gerei*!» Gerei-te com as cores do mundo que te é oferecido! E fiz-te senhor nos cantos do mundo que está debaixo dos teus pés, do universo que está à frente das tuas mãos, da Terra da promessa que vai adiante do teu olhar! *Vede que admirável amor o Pai nos consagrou em nos chamarmos filhos de Deus! E somo-lo de facto!* Não é um título que nos atribui! Mas uma palavra que nos gera no amor. Uma relação que se estabelece na intimidade. Somos filhos. Ele é nosso Pai! "*E se o mundo não nos conhece*», se não nos *reconhece* como filhos, é «*porque não o conheceu a Ele»*, como Pai! Esta é a graça maior da nossa Vida: sermos filhos de Deus. Esta é a alegria da nossa vida: viver no amor do Pai! Esta é a vocação primeira e última da vida: o amor! A santidade não é outra coisa senão isto: nascidos do amor, vivemos no amor, morrendo de amor!

3. E como viver isto, que de tão simples, se manifesta tão exigente? Alguém, como Teresa de Lisieux, disse: «*fazer-se criança... que tenta uma e outra vez subir as escadas, levanta o pé, se esforça... não consegue, mas confia e sabe que virá seu Pai, a recolherá em seus braços e a subirá. Este é o caminho da infância espiritual: crer e confiar plenamente no amor de Deus e querer corresponder-lhe com o pequeno esforço que esteja ao nosso alcance*. E que «pequeno» esforço foi esse que estava ao alcance da jovem Teresa? Foi aquele que alguém lhe reconheceu assim, quando morreu : *era muito amável*. No fim da sua vida, ela fazia este resumo: «*o amor fraterno é tudo na terra: amamos a Deus na medida que o praticamos*". O caminho de Teresa não foi fácil. Mas ela continuou fiel o seu caminho. Explicava-o assim: «*quando não sinto nada e sou incapaz de rezar, de praticar a virtude, então é o momento de procurar estas pequenas ocasiões, essas ninharias que dão prazer, mais prazer a Jesus, que o império do mundo ou o martírio padecido generosamente; por exemplo um sorriso, uma palavra amável, quando apetece não dizer nada ou pôr a cara de aborrecimento*».

4. Somos *todos santos*, por este admirável amor que o Pai nos consagra. E todos os santos não foram senão aqueles que conservaram pura a imagem de «filho de Deus», do «filho» acabado de nascer! Que guardaram a alvura desta imagem de criança, que procura, deixando-se amar, que crê e espera por confiar. E se esforça por amar! «*No coração da Igreja, minha mãe, eu serei o Amor; com o amor serei tudo; e assim será realizado o meu sonho*» (Sta Teresa de Lisieux) : ser santo!

Homilia na Solenidade de Todos-os- Santos 1996

«Esses que estão vestidos de túnicas brancas, quem são e donde vieram»? Perguntava extasiado um dos anciãos. É a pergunta que hoje podemos fazer, ao contemplarmos a assembleia gloriosa dos filhos de Deus, da multidão dos santos em festa!...

I. Quem são?

Quem são *e donde vieram?* Os santos são gigantes que, vista no Senhor a própria grandeza, apostam em Deus, tudo o que possuem, como seus filhos que são. Dão sem pretensões. Dão a Vida, a alma, a alegria, todos os laços terrenos, toda a riqueza. Livres e sós, projectados no infinito, aguardam que o Amor os introduza no Reino eterno. Mas já nesta vida sentem o coração encher-se de amor, do verdadeiro amor, do único amor que sacia, consola; daquele amor que fere as pálpebras da alma e produz lágrimas novas. Ah, nenhum homem sabe quem o santo...

Sabem compreendê-los os espíritos angélicos e os olhos dos santos. Para a maioria, o seu ser íntimo permanece invisível e incompreensível porque no santo vive mais Deus do que o Homem e só os puros de coração vêem a Deus. Só um santo pode compreender outro santo... Na verdade, o mundo não os pode conhecer, porque não conhece a Deus! Os santos são obra-prima do Espírito de Deus, que plasma no rosto dos homens a face de Cristo. São, por isso, os que vestem as túnicas brancas, os que resplandecem a vida nova de Cristo Ressuscitado, recebida no baptismo.

Os santos: eis os verdadeiros seguidores de Cristo. Tão perto do povo e tão diferentes deste. Próximos do coração de quem sofre e invoca, e imensamente mais excelsos do que aqueles a quem fazem o bem. Muito pouco conhecidos pelos homens, porque viveram num Reino que não é deste mundo; contudo, bastante notados pela Humanidade, porque deles partiu uma Luz que dificilmente se apaga. Os santos aliviaram chagas, recolheram peregrinos, homens abandonados, órfãos, mulheres perdidas, loucos. Aliviaram presos, confortaram moribundos, inflamaram virgens, arrastaram massas. E fizeram-no porque, por detrás daqueles que o mundo rejeita, viram com os próprios olhos o rosto belíssimo de Cristo.

II. Donde vieram?

Quem são e ***donde vieram****?* Vieram da grande tribulação. A vida do santo é feita de abismos e cumes: abismos abissais, noites negras como o inferno, túneis escuros onde a alma, invadida por uma Luz absolutamente superior, fica ofuscada em obscura contemplação e submersa num mar de angústia, de quase desespero, com a consciência nítida do seu nada e da própria miséria. Depois de longa tribulação num crisol comparável ao purgatório, a alma do santo é conduzida pelo Divino Artífice a uma vida serena, cheia, luminosa. Mas nessa alma límpida, agora, já não é a pessoa que vive: vive glorioso e forte, honrado e escutado, o Criador e Senhor de todos os corações humanos.

É preciso contemplar estas obras-primas «em bicos de pés», como quando se entra na Igreja, com veneração, sabendo que o nosso contributo é amá-las e assim redescobrir juntos a beleza e aquele qualquer coisa de sempre novo que elas guardam.

Efectivamente devemo-nos tornar filhos de Deus, como os santos, para que se comunique à nossa alma, algo do dom que eles receberam de Deus para a Humanidade. Aquilo que eles nos ensinam é sobretudo o fazer a vontade de Deus. Nisto devemos imitá-los, no seguir a estrada que Deus, no seu infinito amor, traçou para cada um de nós...

Homilia na Solenidade de Todos-os-Santos 1995

«Esses que vestem as túnicas brancas, donde são e donde vieram»? Pergunta, já de resposta sabida, o velho ancião, diante do espanto do vidente. *«Senhor meu, tu é que o sabes»,* responde intrigado e sem saber. E como poderia ele conhecer tão estranha gente? Dominado pelo excesso de maravilha, os seus olhos de carne não podiam reconhecer aqueles que via.

«Esta é a geração dos que procuram o Senhor! Responde aquele que fizera a pergunta. Simplesmente *a geração **dos que procuram** o Senhor*! Geração dos que procuram, gente em busca, que não se fixou em terra alguma, não se ateve a tempo algum, até se encontrar na Pátria da alegria. Gente em busca, geração à procura, que não se deu por satisfeita em resposta nenhuma na longa feira dos saberes deste mundo. E que por isso peregrinou como se visse o Invisível, até se encontrar na plenitude da Verdade. É a geração dos que, na sua fome, procuraram o alimento, sem se deixar comer por coisa pouca. E se encontraram plenamente saciados no eterno banquete da abundância. É a geração dos que tiveram sede e, sem se deixar nunca envenenar por águas que não matam a sede mas matam a vida, procuraram a Fonte. E encontraram no oceano do coração de Deus, a água viva do Amor. É a geração dos que não se dobraram ao jugo sedutor do mundo e se mantêm de pé, firmes, a cantar a vitória da Verdade. **Geração dos que procuram o Senhor**! Geração de santos e santas, de ontem e de hoje, famosos e desconhecidos. Uma multidão onde há alguém do nosso nome, do nosso tempo, da nossa profissão. Em comum, o ser gente desinstalada, geração inquieta, insatisfeita, inacabada. Geração dos que procuram o Senhor, dos que são exigentes na perfeição, geração dos que nunca passam distraídos da vida, dos que não param saciados, dos que não envelhecem adormecidos, dos que não se calam consolados. É a geração dos que procuram! Dos insaciáveis!

Geração estranha a esta geração. Ou talvez não. Neste final de século, nova multidão busca pelo incerto a Pátria da Luz. No advento do terceiro milénio, esta geração busca errante um Senhor, sem saber ao certo o que procura. Busca sem caminho. Que falta então a esta geração para que na sua procura encontre, ou, encontrando, ainda procure? O que falta? A uns a procura. Tão satisfeitos se quedam no seu nada mais querer, que já não procuram mais nada. A outros, à inumerável multidão deste século, faltam os santos e as santas, heróis humildes, da sua rua, da sua idade, da sua vida e da sua condição. Faltam testemunhos simples da alegria de viver o Evangelho. Faltam sinais que pudessem iluminar o caminho. Nada mais rico para esta geração do que poder abrir os olhos e ver no mundo que passa, testemunhos que permaneçam, vidas que falem, gestos que marquem, figuras que iluminem. Ver santos e santas. Faltam santos deste tempo e de agora. O mundo reclama e espera por evangelizadores que lhes falem de um Deus que eles conhecem e com quem convivem como se vissem o Invisível. O mundo não precisa de reformadores. Precisa de santos. E somos nós, nós todos, a nova geração, que é chamada a ser «a geração dos que procuram o Senhor»!...

Homilia na Solenidade de Todos os Santos 1994

Aterrar no Céu! Não é um filme de ficção, nem um exercício imaginário. É uma visão da humanidade do futuro, aquela que o Apocalipse hoje nos oferece, uma espécie de quadro ao vivo da nossa esperança já realizada. Na plena liberdade do amor, no coração de Deus em festa, homens e mulheres cantam o hino da salvação. É uma multidão imensa, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas. É a humanidade inteira na esfera do pleno amor, abraçada pelo Cordeiro, Cristo morto e Ressuscitado. É o Céu, essa comunhão com Cristo no amor do Pai!

Aterrar no Céu e ver esta multidão de santos, parece aos homens do nosso tempo apenas um exercício de imaginação. Como os santos não fazem «capa de revista» lá ficam para a história, no role das figuras do outro mundo. Porque na verdade, pensamos, o trabalho e a vida agitada, as ocupações e as leis do mercado, não nos permitem grandes «voos de santidade». Não é que a gente até nem devesse ser santo, mas quê ninguém é de pau..e nem tempo temos para isso. Vai daí que a multidão dos santos no Céu nos aparece mais como um quadro de sonho do que uma esperança realizada. Pensamos.

É com estas e outras teorias, que o «ideal», «o sonho» e a «utopia» do homem novo caem por terra. A humanidade, enterrada no presente e sufocada no imediato, tem perdida uma visão positiva do futuro. Descrê cada vez mais de si mesma. A fé nas possibilidades e virtualidades do homem parece ainda mais desacreditada. Cada vez mais, parece que ninguém acredita em mais ninguém. Dá a impressão de que ao homem deste tempo não resta outra coisa que ser como os outros, sem aspiração a mais além, sem esperar mais nada nem exigir coisa nenhuma de si. A humanidade entregue a si própria ora apodrece pelo vírus corrupução, ora se destrói na violência do ódio, ora parece condenada ao fracasso, sem esperança.

Por isso, no meio desta desconfiança nas possibilidades do Homem, faz-nos bem «aterrar no Céu». Faz-nos bem olhar para esta multidão de santos, gente da nossa idade, da nossa terra, da nossa profissão, condição e raça. Gente que percorreu os mesmos caminhos, que experimentou as mesmas tentações, correu os mesmos riscos. Mas gente que, pela força do amor de Deus, unida a Cristo Morto e Ressuscitado, foi fiel até ao fim, foi até à morte na defesa da verdade, na generosidade da entrega, na limpidez do olhar e do coração. Gente assim, vem colocar-se como espelho das nossas possibilidades e como alento das nossas fraquezas. Foram o que nós somos. Podemos ser o que eles foram. Os santos representam o que de melhor esta frágil humanidade é capaz. São o êxito absoluto,os melhores frutos da Páscoa de Jesus. O homem novo, o homem verdadeiramente homem, é o santo. O santo é o homem na sua melhor forma e realização. Não é o super-herói de uma ficção impossível mas um homem rico de humanidade.

Nos santos, reinventamos a fé numa humanidade mais humana. Ei-los, por isso, como estrelas a refulgir a luz do Evangelho, centelhas de luz no nosso caminho...Todos os santos, sem espaço nos livros da Igreja, sem altar nem veneração, sem títulos nem história. Da nossa família até. Sendo do passado ou do presente estão no futuro. A celebrar a festa da Vida. A atrair-nos para mais além. É preciso aterrar no Céu, sem medo de que a terra nos fuja dos pés! Porque ainda não se manifestou o que havemos de ser...«*Alegrai-vos e exultai, pois é grande nos céus a vossa recompensa*»!

Homilia na Solenidade de «Todos-os-Santos» 1993

1. Um êxito espectacular! Um êxito espectacular. *«Uma numerosa multidão que ninguém podia contar. Provinha de todas as nações, tribos, povos e línguas».* Vinham de África, da Ásia, da Oceania, da Europa e da América, de todos os continentes e lugares, de todos os credos e cores, de todas as raças e línguas. Era um coro universal, vestidos de túnicas brancas e de palmas na mão. Eram os baptizados e também homens e mulheres de mãos lavadas e misturadas na sujidade do mundo que amaram. Eram os pequenos e grandes, os conhecidos e desconhecidos, os famosos e os escondidos, estrelas da arte e vizinhos da esquina... eram todos os filhos de Deus, que agarraram o dom da Vida e o transmitiram... no sangue do martírio ou no testemunho destemido da Verdade. Muitos nem tinham na lapela a Cruz nem nas mãos objectos de pia devoção. Era simplesmente uma multidão de gente simples. Uma assembleia multicolor de gente feliz.Com lágrimas, dor e alegria.

2. Uma visão do nosso futuro...

É esta a visão do futuro. A contemplação do verdadeiro fim, onde são coroados com a Vida homens e mulheres da nossa terra, da nossa raça,do nosso nome, da nossa profissão, da nossa e doutra cor. São os santos, nossos irmãos. Esses de quem a história não fez memória, a quem os jornais não deram notícia, de cujos feitos o povo nunca falou. Esses, homens e mulheres, escondidos na penumbra da humildade, corajosos e sem medalha, obreiros sem prémio reconhecido. São esses que a Igreja hoje celebra. Os santos: cortejo inumerável de homens e mulheres que seguiram Cristo e com Ele viveram, tantas vezes sem lhe conhecer o nome e tão pouco a história ou a doutrina. São os santos da terra, esse que, da fome que tinham, souberam multiplicar o pão da miséria em partilha de amor. São esses que jazidos e esquecidos no leito da sua dor se deram e se entregaram, esses, doentes e inválidos que souberam consolar as visitas, tão sábios eram no seu nada saber! Limpos de coração, tinham num sorriso de paz um olhar de ternura, sem palavras a mais. São os santos. Os nossos amigos e familiares, mãe, pai, irmãos, primos, tio, professora e quem sabe o «graxa» e o homem do lixo, o criado, o sapateiro, o locutor de Rádio ou o homem da TV. Nessa assembleia têm nome e lugar também os inimigos e os da oposição... esses que até sem saber, semearam o Reino de Deus, no meio da luta e na denúncia, na crítica e no desejo sincero de um mundo novo. São os santos. Amaram o mundo e a Criação, defenderam as árvores e os animais e mais ainda, protegeram o homem, menino acabado de nascer ou no seu mais derradeiro instante da existência.

3.Uma chuva de estrelas no nosso caminho!

*«É esta a geração dos que procuram o Senhor».*Todos os santos, para quem o calendário não tem lugar, mas que fazem a festa no coração de Deus e nele saboreiam a alegria de serem amados. São os filhos do Pai, os que estão diante do Cordeiro, de pé, vivos e firmes. Esses estão diante de Cristo, Morto e Ressuscitado, participam da sua Vida, gozam da plenitude do amor do Pai e comungam desse amor em banquete de festa. São esses que agora colhem os frutos da Páscoa do Cordeiro, tão iguais a Ele na Cruz que não negaram.

Que maravilha esta chuva de estrelas, de quem não sabemos o nome nem o dia. Não são um Clube de espertos nem uma seita de bem-feitores. São uma família de irmãos, atraídos pelo amor de Deus, animados pela força do Sangue do Cordeiro. Que bom olhar o futuro e mirar o além e aí ter a surpreendente alegria de que ser santo é ser homem, homem novo. De corpo inteiro e alma lavada. Gente feliz, de cabeça levantada em dança de festa. Homens e mulheres que até conhecemos, passaram pelas nossas ruas, subiram e desceram as nossas serras, cruzaram-se connosco na estrada da Vida. São esses que buscaram a perfeição nas coisas simples: na comida que tão gostosamente faziam, na roupa que tão limpa lavavam, no jogo que até souberam perder, na atenção que sempre souberam dar, no trabalho a que se entregaram, nos filhos por quem se sacrificaram, nos alunos a quem transmitiram a sabedoria...São os santos, esses mesmos, que até nos deram o leite no peito e nos puseram a mesa com o rosto sentido. Os santos das coisas simples. Lá no Alto da Beleza, no Reino da Paz, olham-nos com a mesma ternura de sempre, brilham como estrelas no caminho e atraem-nos irresistivelmente para o admirável Amor do Pai.

Homilia na Solenidade de Todos-os-Santos C 1992

1. “Alegrai-vos e exultai, pois é grande nos Céus a vossa recompensa”(Mt.5,12)! Alegrai-vos, irmãos! Como não irromper do nosso coração um Cântico de louvor ao contemplarmos a geração nova dos filhos de Deus, salvos em Cristo? Como não exultar em alegria ao contemplarmos o maravilhoso espectáculo da Igreja dos Santos, nossos irmãos, de túnicas brancas e de palmas na mão? Alegrai-vos, irmãos! Diante de nós está o Cordeiro, Cristo Morto e Ressuscitado, a quem numerosa multidão brada com voz forte, proclamando a alegria da salvação. Ei-los, os santos, os frutos mais esplêndidos da nossa humanidade. Pertencem já a geração do futuro, porque bebem abundantemente da vida do nosso Deus.

2. “Quem são esses que vestem as túnicas brancas e donde vieram”?(Ap.7,13)

São homens e mulheres que vieram da grande tribulação, homens e mulheres da nossa raça, do nosso nome, da nossa profissão, da nossa Terra. São os santos, nossos irmãos. Eles mantiveram a alvura da túnica baptismal, porque a branquearam no Sangue do Cordeiro, i.é, porque a dignidade baptismal não foi manchada pela infidelidade, mesmo no confronto duro com o mundo, mesmo na perseguição e na morte. Foram salvos pelo Sangue de Cristo, porque beberam dEle ao aceitarem o testemunho ousado da fé.

Filhos de Deus, viveram no presente a esperança do futuro. Foram na Terra um sinal do Céu. Acolheram a Vida nova do Baptismo e responderam ao chamamento universal de Deus, fonte de toda a santidade: “Sede santos, com o Vosso Pai Celeste é Santo”?

A santidade destes homens e mulheres não pode permanecer para nós como uma espécie de heroísmo raro e inatingível. Eles não vieram do mundo dos sonhos nem da fantasia nem foram extra-terrestres do nosso planeta. Eles são os homens que apontam o nosso futuro e para aí nos chamam, como modelo de vida, como apelo de perfeição. Homens e mulheres pobres, mas felizes; vítimas da injustiça humana, mas felizes; chorando desgraças e ataques, limites e ofensas, mas felizes. Felizes não por serem perseguidos, pela sua fome ou pela injustiça. Felizes, porque na sua pobreza e na sua fraqueza, esperaram tudo de Deus. Felizes, porque ao serem perseguidos davam sinais da sua fidelidade diante do mundo, abertos à verdadeira Esperança. É deles o Reino! Nada os atrapalha para acolher a Boa Nova do Reino, nem dinheiro, nem a importância, nem o saber, nem o poder! Oh, como são felizes! Quanta liberdade brilha na coroa dos homens humildes! O Reino pertence-lhes como herança!

3. “Ainda não se manifestou o que havemos de ser”! (I Jo.3,2). Ao contemplarmos hoje o rosto da Igreja Santa vai na nossa alma o desejo de santidade e também a esperança de a merecer de Deus. Brilha, já e agora, para nós, a glória dos filhos do homens abraçados em Deus, sem as amarras do corpo, da Terra, do mundo.

É a geração nova dos que procuram o Senhor. Trazem palmas na mão a lembrar o preço da fidelidade e o prémio da vitória. Não é mais possível ser-se santo sem ser perseguido! E se não somos perseguidos, se a nossa fidelidade não passa pela Cruz, é mais um adorno enganador que uma vida cristã assumida. E como hoje não havemos de encorajar-nos no testemunho de uma vida santa ao olharmos todos os santos? Eles foram o que nós somos. E nós podemos ser o que eles foram! “Hoje é dia de Todos os Santos: dos que têm auréola e dos que não foram canonizados. Dia de Todos os Santos, daqueles que viveram, serenos e brandos, sem darem nas vistas, e que no fim dos tempos hão-de seguir o Cordeiro. Hoje é dia de Todos os Santos! (...) Do chão que pisaram rebentava a esperança de um futuro de justiça e salvação... e o seu presente era já quase só Amor”! (M. L. Belchior, *Gramática do mundo*)